

O DIREITO À LITERATURA TRANS PARA INFÂNCIA

THE RIGHT TO TRANS LITERATURE FOR CHILDREN

Sara Regina de Oliveira Lima¹
Diógenes Buenos Aires de Carvalho²

Resumo: pensar a infância trans tem despertado diferentes diálogos sociais, políticos, médicos, jurídicos e culturais. Desde 2008 personagens trans masculinas e femininas permeiam o cenário dos *picturebooks* que, atualmente, somam mais de 16 obras publicadas. Em vista disso, este artigo busca analisar as representações de identidades trans em *10000 Dresses* e *When Aidan became a brother*, levando em consideração as relações familiares, sociais, assim como, as violências e resistências encontradas nessas narrativas. Autores como Meadow (2018), Sofia Favero (2020), Madalena (2021), dentre outros, fazem parte do escopo desta pesquisa bibliográfica de cunho exploratório. Mediante as análises, é possível afirmar que esses *picturebooks* defendem a superação de opressões, visando o direito à voz, ao corpo e ao bem viver as infâncias trans.

Palavras-chave: Picturebooks; Personagens Trans; Criança; Direito.

Abstract: Thinking about trans childhood has been sparked different social, political, medical, legal, and cultural dialogues. Since 2008, male and female trans characters have appeared in the picturebook scene, and currently they total more than 16 published books. Therefore, this article seeks to analyze the representations of trans identities in *10000 Dresses* and *When Aidan became a brother*, taking into account family and social relationships, as well as violence and resistance found on these narratives. Authors such as Meadow (2018), Sofia Favero (2020), Madalena (2021), among others are part of the bibliographic scope of this exploratory research. Based on the analyzes, it is possible to affirm that these picturebooks require the overcoming of oppression, aiming the right to voice, body, and good living to trans childhoods.

Keywords: Picturebooks; Trans Characters; Child; Right.

1 BREVES APONTAMENTOS: CRIANÇAS TRANS

De adultos em miniatura a seres frágeis e incompletos, sabe-se, a partir dos estudos de Ariés (1986), que a compreensão sobre a infância sofreu modificações baseada nos ideais burgueses sobre a família. Não obstante, ainda existe a necessidade de ampliar tal diálogo, uma vez que, teorias contemporâneas insurgentes tentam chamar atenção para a ideia de infâncias divergentes ou não conformes em termos de vivência de gênero. Butler (2011), Bento (2014), Louro (2010), Meadow (2018), Madalena (2021), para citar alguns/ algumas estudiosos/as, dissertam sobre o modo como o binarismo e as normas criam restrições e estereótipos de expressões de gênero que se esperam das crianças.

O “gênero não é meramente algo que fazemos. É algo feito para nós, conosco. Ele nos faz e nos desfaz, nos constrange e nos constitui. É um dos materiais mais básicos da vida

¹ Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mestra e Doutoranda em Letras (PPGEL/UFPI).

² Graduado em Letras/Português (UESPI), Especialista em Leitura e Produção de Textos (PUCMinas), Mestre e Doutor em Letras (PUCRS/CAPES).

social” (Meadow, 2018, p. 226). É notável que a todo instante as pessoas performam gênero (Butler, 2011). Com as crianças esse processo se dá assim que elas começam a se entender, e avaliar os ambientes e comportamentos ao seu redor. Diante de tal fato, se por um lado, as crianças cisgêneros têm que carregar o peso da normatividade de gênero, por outro, as crianças transgêneros, ainda que reconhecidas por práticas ditas pertencentes ao gênero ao qual se identificam, enfrentam incontáveis e severas correções que podem lhes custar à vida. Consequentemente, durante muito tempo, elas foram invisibilizadas e abortadas do projeto de infância.

Dado que rastros burgueses projetaram a criança pela ótica correspondente aos anseios branco, cisgênero, hetero, cristão e, sobretudo, patriarcal, as preocupações e considerações sobre as infâncias divergentes são consideradas novas para a sociedade em seus diversos saberes. Não à toa, anos 1990 e 2000 têm sido fundamentais para a teorização sobre a desnaturalização da cisgeneridade, responsável por colocar a transgeneridade na posição de categoria a ser diagnosticada, portanto, patológica³.

No Brasil, com a publicação de sua dissertação, Sofia Favero (2020), psicóloga trans, afirma que é necessário superar a ideia decorrente da tradição das ciências psi e médica que alarmou precauções errôneas em relação à transgeneridade infantil. Segundo o seu posicionamento, a herança da associação de identidades trans enquanto patologia ou ideia de perigo deve ser abortada de forma urgente a fim de que crianças diversas em termos de gênero possam ter qualidade de vida.

De modo semelhante, levantes internacionais por não reconhecerem a transgeneridade como doença mental, a exemplo de 200 grupos em 40 países que compõem o *Stop Trans Pathologization*, lutam pela retirada do transtorno de identidade de gênero dos manuais de diagnósticos CID-11 e DSM-5. Esse posicionamento alinhado às transformações culturais, ativistas, acadêmicas, médicas, políticas e jurídicas quanto ao entendimento do que vem a ser as fluidas identidades de gênero têm levado diversos profissionais a endossarem mudanças significativas quanto ao acolhimento da temática e suas formas de abordagem.

Corroborando com uma “indignação diagnóstica” (Favero, 2020) de despatologização, em um Estado Democrático de Direito, o soerguimento de políticas públicas voltadas para a proteção jurídica visa à inclusão, cidadania e a igualdade da criança trans, isto é, direitos fundamentais à dignidade humana. Torna-se, pois, imprescindível que a elas/eles também gozem de direitos assegurados pelo ECA no seu artigo 3º: “desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condição de liberdade e de dignidade” (Brasil, 1990). Observa-se que o desenvolvimento pretendido pelo ECA, se garantido a criança diversa em termo de

³Nas últimas versões dos manuais da Organização Mundial de Saúde, A Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11), e da Associação Americana de Psiquiatria, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), é possível encontrar nas Condições relacionadas à saúde sexual (CID-11 17) a Incongruência de gênero, e os critérios diagnósticos da Disforia de Gênero em Crianças – no DSM-5 302.6 (F64.2).

gênero, potencializa seu empoderamento e visibilidade. Assegurados o nome social em documentos oficiais, o uso do banheiro referente ao gênero com o qual se identificam (mesmo ainda sendo uma polêmica a ser superada), os cuidados de saúde mental e física (incluído o acesso ao uso de hormônios e cirurgias), a permanência na escola, criminalização da transfobia, e a garantia de continuação da vida se instaram questões essenciais e caras para o bem viver de pessoas trans no seio social.

No que tange a saúde, é sabido que os dispositivos de transexualidade (Bento, 2014) abarcam as proposições de modelos de tratamentos para a (re)conceitualização de masculinidades e feminilidades, assim como, a viabilidade de tecnologias médicas para modificação da anatomia e características corporais. Lima (2014, p. 112), em *O dispositivo testo: biopolítica e práticas de si nas experiências de hormonização nos homens transexuais*, reconhece que “os hormônios, de uma maneira geral, destacam-se pela capacidade de produzir discursos e práticas, revelando um mecanismo potente de controle dos corpos e sexualidades”. Não é por acaso que os bloqueadores hormonais (apesar de comporem um debate ainda delicado e em construção quando usados na infância) e a hormonização cruzada correspondam à existência do desejo de algumas pessoas trans em estabelecerem o reconhecimento entre suas identidades de gênero e as suas anatomias corporais.

Segundo essa perspectiva, a transgeneridade enquanto “objetos de avaliação” (Murta, 2014) carece ser superada perante a condição do processo de hormonização. Deve-se, à vista disso, elevar a finalidade de alteração de gênero ao patamar de respeitabilidade da subjetividade, passando a ser alocada dentro do direito à saúde, à integridade corporal e à dignidade pessoal da pessoa trans. Neste sentido, há um cis-tema (Vergueiro, 2015) a ser contrariado, uma vez que, pautar a criança trans trazendo-a para as considerações sobre uma infância vivível e saudável sempre acenderá um alerta quanto às (des)normatizações e reconstruções.

Atenta ao meio social, político, cultural e aos assuntos supracitados, a literatura infantil vem contrariando o cis-tema, incitando questionamentos acerca dos estereótipos de gênero e das experiências homo e lesboparentais cujo *boom* se deu nos anos 1990. Ao preocupar-se com a diversidade de gênero na infância, foram se abrindo espaços para que os fazeres artísticos com personagens trans fossem possíveis mais de uma década depois. Consequentemente, discute-se o direito a essas obras e as potências de diálogos sobre a criança trans que elas trazem.

2 O DIREITO À LITERATURA COM PERSONAGENS INFANTIS TRANS

“O direito à literatura” é um celebre texto do crítico Antonio Candido que foi publicado em 2011. Desprendido de utopias, nele a ideia de direito é encarada como a possibilidade de resoluções, nutrida pelo amadurecimento e soluções de problemas dramáticos da vida em sociedade, visando o indispensável bem coletivo.

A partir de seus pressupostos, entende-se que, se por um lado a urgência do direito aos bens fundamentais tornou-se inquestionável, por outro, a manifestação artisticamente soergue que a arte é uma necessidade universal humana. Em particular, a literatura deve ser assegurada como direito incompreensível (Candido, 2011), tal qual é a alimentação, moradia, liberdade, saúde, dentre outras.

Na qualidade de dispositivo humanizador, a literatura manifesta valores sociais ao propô-los ou denunciá-los, favorecendo a dialogicidade sobre problemas, o que confere a ela um papel formador de personalidade. Via palavras de Candido (2011), “[...] talvez não haja equilíbrio social sem literatura” (Candido, 2011, p. 177), dessa forma, a arte (co)cria efeitos transcendentais que são satisfeitos via catarse, pois o enriquecimento do ser humano (sem distinção), a organização de suas emoções, o alargamento de sua visão de mundo, e o seu deleite passam pela literatura.

Nesse caso, deve-se lembrar que o direito à literatura também assegura a intencionalidade introjetada pelo autor ao texto. Não à toa, sem perder o seu tino estético, as filosofias de vida, revoltas, ativismos, denúncias, posicionamentos religiosos (para citar alguns) se fazem presente em toda obra literária, dado que o/a artista que a produz parte de um meio social.

Essas implicações do direito à literatura se entrelaçam bem com as críticas feitas por Regina Dalcastagnè (2012) ao denunciar o campo literário enquanto um espaço ou mapa de ausências. Como consequência, a extensão da pluralidade de protagonismo e escrita, resistência e diversidade, atualizam o debate sobre o direito à literatura. Bem mais que o direito de ler, é salutar a presença de corpos e produções dissidentes como é o caso da população LGBTQIAP+. Afinal, como concluiu Candido (2011) “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Candido, 2011, p. 193).

Seguindo o fluxo dessa contestação por espaços, em “Quem defende a criança *queer*”, Paul Preciado (2013) preocupa-se com as posições dos que chama de heterocratas opressores das “minorias” sexuais e de gênero. Em uma série de perguntas, a preocupação do teórico gira em torno de:

Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, bicha, sapatão, transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero? (Preciado, 2013, s/p).

Em síntese, o autor visa às possibilidades da criança fazer uso do corpo livremente. Baseando-se no rastro da sua indignação e atentando-se ao fenômeno dos *picturebooks*, questiona-se: como as crianças trans aparecem em narrativas infantis ilustradas, isto é, em *picturebooks*⁴ estadunidenses? Quem são as vozes que narram suas histórias? Sob quais perspectivas essas representações estão postas ao leitor/a? O que estas protagonistas sugestionam sobre os direitos da criança trans? Buscam-se estas respostas em *picturebooks* com personagens trans infantis que partem da mesma estrutura básica dos contos de fadas posta pela crítica: início, conflito, clímax e resolução, trabalhados em um espaço e tempo, cuja linguagem e ilustração possuem caráter estético, isto é, não informativo.

Feita esta ressalva, este artigo buscará um diálogo com a literatura que ambiciona posicionar-se em face das denúncias de iniquidades sociais e que alimentam os direitos a obras com personagens trans infantis. Uma vez que, o direito à voz, ao corpo, à integridade física, à saúde psicológica, à escola, à sociabilidade e o direito de ser criança trans negra se fazem presente em *picturebooks* com personagens trans infantis esses são os objetivos de análises deste artigo.

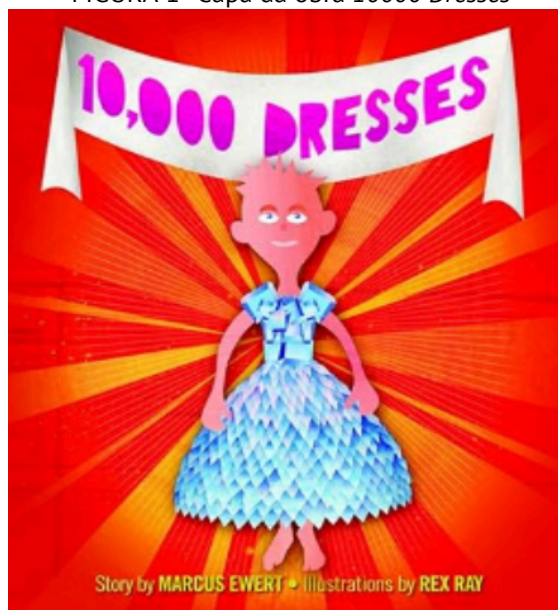
3 A NEGAÇÃO E O DIREITO DE SER CRIANÇA TRANS NA LITERATURA INFANTIL

Os anos 1990 sem dúvidas acirram diversas discussões sobre gênero e seus efeitos incluíram as questões trans, que se acentuaram em diversas áreas do saber nos anos 2000. Como consequência social, política e estética as vivências trans também encontraram solo fértil na literatura. Embora tardiamente frente às discussões de gênero e sexualidade já existentes, as crianças trans adentram ao universo dos *picturebooks* em 2008 com a obra *10000 Dresses*, de Marcus Ewert e Rex Ray. Desde então, apesar das dificuldades de publicação, circulação e traduções impostas, o campo conta com mais de 16 narrativas escritas em língua inglesa, publicadas entre 2008 e 2024, porém, com apenas 01 tradução para o português.

Ao investigar cronologicamente as obras, afirma-se que a negação de direitos é aos poucos superada após a publicação de *10000 Dresses*, obra por meio da qual obstáculos, ignorâncias e a negação aparecem de formas não veladas, dado que o ciclo de vida da personagem perpassa por angústias, pelo olhar adulto autoritário, por espaços reclusos e pela fuga do seio familiar.

⁴ Considerados por Nodelman (1988, p. 209) “uma fonte significativa de prazer”, os *picturebooks* são estruturas narrativas definidas pela interdependência, não limitante, de ilustrações e palavras para contar uma história. Segundo Salisbury e Styles (2012), eles são provenientes dos primeiros esforços de justaposição da imagem-palavra-enredo feitos pelo ilustrador Randolph Caldecott, que, posteriormente, ganharam mais expressividade devido às mudanças artísticas voltadas para produção dirigida à criança, ao avanço da tecnologia e à edição de livros. Em suma, os *picturebooks* são narrativas infantis ilustradas.

FIGURA 1- Capa da obra *10000 Dresses*



Fonte: <https://www.amazon.com/10-000-Dresses-Marcus-Ewert/dp/1583228500>

Por meio desse *picturebook*, Marcus Ewert e Rey Rax (2018) trazem para o campo literário infantil de língua inglesa uma protagonista em transição cuja maior mudança é percebida pelas vestes, ou propriamente pelos seus “dispositivos de gênero”. Entendidos por meio do pensamento de Preciado (2014), esses dispositivos são compreendidos por próteses de gênero, que correspondem a tudo que se atribui ao corpo a fim de alcançar a performance e aparência do gênero desejado. As roupas, os enfeites e os acessórios, que comumente são associados ao masculino ou feminino, estão entre os exemplos mais comuns.

Na obra literária, o narrador onipresente apresenta um corpo biologicamente masculino e propõe seus desmontes ao longo da narrativa. Com papel onisciente, ele aparece na condição de intermediador ao introduzir os tão sonhados vestidos da personagem Bailey, que os usa e se autodeclara menina. Logo nas primeiras páginas é perceptível que se trata de uma protagonista que, em sua mais tenra idade, desafia as expectativas sociais para assumir a sua identidade gênero.

Ao longo do *picturebook*, a protagonista ocupa majoritariamente o espaço familiar onde há constante vigilância para que esteja dentro dos “limites pensáveis” do campo de gênero circunscrito de padrões normativos. De antemão, nota-se que no espaço doméstico, a aproximação com os vestidos está apenas no campo da imaginação e do onírico. Até que certa manhã, Bailey, a protagonista trans, ao pedir que sua mãe comprasse um vestido, obteve como resposta: “Você é um menino. Meninos não usam vestidos!” (Ewert, 2008, p. 14). Tal recorte faz lembrar o que Travers (2018) recebe ao proferir que os nomes e pronomes de gênero marcam as dimensões do poder que os adultos exercem quando

tendem a moldar a maneira com a qual às crianças vivenciam o mundo e, por consequência, o gênero.

A exemplo do que foi dito, a valorização da masculinidade em detrimento as expressões de feminilidade notada em corpos reconhecidos como masculinos potencializa penalidades severas aplicadas ao sujeito desde a infância. Uma das explicações para tal fato é feita pelo viés crítico de Connell (1995) para quem as políticas da masculinidade se limitam a adoção social da supremacia da masculinidade hegemônica, sufocando as dinâmicas de gênero e subjetividades. A austeridade da masculinidade, sobretudo por vias patriarcais, levou a subjugação da figura feminina, entendida como “o outro”, segundo a perspectiva de Simone de Beauvoir (1949) em *O Segundo Sexo*. Outrossim, de acordo com Bourdieu (1995) e Chauí (1984), as desigualdades de gênero são atribuídas aos papéis sexuais, isso posto, para compreender as consequentes configurações de violência é inescusável o entendimento de que as relações sociais e de gênero, assim como, as desigualdades são concebidas e percebidas de maneira histórica.

No âmbito do *picturebook* em análise, o poder exercido pela família segue à risca aos padrões cis-heteronormativos, impondo a minoridade da personagem pela privação dos direitos de ser criança trans. Contrária à condição alienada da mãe, que afere subalternidade a imagem filha, a voz do narrador, na condição de um defensor, identifica-a como sendo uma menina trans desde o início da narrativa ao utilizar o pronome “*she*” para se referir a ela.

Em *10000 Dresses* a posição de Bailey tanto reforça uma espécie de impotência e vulnerabilidade, quanto ressalta seu âmago cheio de tristeza e pesar. Além da aparição suprimida a vista de personagens cisgêneros, em seus poucos momentos de fala, a declaração feita a sua mãe, por exemplo: “Mas eu não me sinto um menino” (EWERT, 2008, p. 14), não é capaz de abrir espaço para o diálogo, aprendizagem e respeito. Contudo, esse é o seu primeiro ato de resistência vocalizado que traz consigo as advertências de reivindicar e insistir em sua identidade de gênero ao longo da obra. Entende-se, pois, que ainda na infância a personagem age como um ser social que em sua interação constitui a luta para construir a si frente à negação de seus direitos.

Mesmo diante da repressão e correção, a demanda pela realização de seus sonhos tem continuidade. Conforme confere Meadow (2018),

uma determinada criança pode rejeitar as roupas fornecidas pelos pais, pode expressar angústia por sua aparência ou fazer pedidos inesperados de atividades ou brinquedos. Individualmente, estas experiências eram de difícil compreensão para os pais ou fáceis de serem descartadas por eles (Meadow, 2018, p. 26).

Observa-se que a teoria não é distante da ficção. Na narrativa, não só os pais, como também o irmão prefere alienar-se. Ao tentar revelar os sonhos ao irmão, no momento em que ele estava jogando futebol com seus amigos, Bailey obtém como respostas agressões verbais e a promessa de agressão física. A partir dos apontamentos feitos por Ramalho (2020), identificam-se características repulsiva e corretiva como grau de não aceitação familiar frente a não conformidade de gênero da protagonista. A partir desta ótica, é nodal o entendimento da marginalização do corpo da personagem infantil trans como uma configuração de violência intrafamiliar baseada na masculinidade hegemônica e na heteronormatividade. Por esse ângulo, os familiares da protagonista desempenham o papel de representantes repressivos da lei de gênero.

Sabe-se que o *bullying* é um vilão na vida de muitas crianças trans. Para a pesquisadora travesti Oliveira (2018, p.124) “as agressões às quais as pessoas LGBT estão sujeitas, em muitos casos, são uma continuidade do discurso familiar que, em certa medida, acaba autorizando e até estimulando atitudes como essas, interpretadas por muitos como corretivas”. A forma como a violência impacta a personagem está diretamente relacionada aos lugares que ocupa. O comportamento de sua família lido com base em “*The straight mind*”, de Monique Wittig (2002), desvenda o pacto cisnormativo da estrutura familiar cuja pretensão de manutenção binária, heterossexual, misógina e transfóbica é validada.

Ao questionar-se sobre a influência de gravidade das violências baseada nos locais onde elas ocorrerem, nota-se que se por um lado, com os pais, as violências acontecem no espaço doméstico, por outro, com o irmão as agressões ocorrem em um espaço de sociabilidade. Nesse caso, além de envolver outras pessoas, pois o irmão está em espaço coletivo, sua atitude denuncia outros riscos a exemplo da violência verbal e física a que crianças trans estão sujeitas nos espaços públicos.

Outro ponto fundamental da obra, quanto ao processo de transgeneridade da personagem, é a percepção de que as peças de vestiário além de marcas do inconformismo ao gênero imposto, apontam sua “estética de gênero”. A repetição dos sonhos e a sugestão do título com o reforço da variedade de vestidos podem ser lidas enquanto reiteração de possibilidades de performatividade do gênero feminino dispostos a infância trans, evitando estabelecimentos definitivos.

Dado os efeitos dos conflitos, Bailey enfrenta uma maior situação de precariedade e vulnerabilidade por ter que fugir de casa. Como apontado, crianças trans “experenciam a precariedade porque são as “outras” no esquema binário de diferenciação de sexo/gênero, mas as forças sociais de raça, classe, idade, família e apoio comunitário produzem vulnerabilidade variável à violência interpessoal e estatal (Travers, 2018, p. 44). Frente à vulnerabilidade, e com o intuito de amenizá-la, é dada a protagonista o encontro com o acolhimento para viver seus sonhos e, assim, a possibilidade de sociabilidade que compreende sua subjetividade. É em meio à fuga que a aparição de uma nova personagem

traz à obra a possibilidade de uma amizade por meio da qual os sonhos da menina trans tornam-se verdade.

Diferente da narrativa que será analisada posteriormente, Bailey não encontra acolhimento familiar e foge de casa na tentativa de criar seu gênero e suas próteses de gênero, representadas pelos tão sonhados vestidos. Ao ir ao encontro de uma menina costureira, que a acolhe e se diverte costurando os vestidos, é evidenciado que a vivência de sua identidade de gênero é limitada a um único espaço real: a casa da amiga costureira, Laurel. Logo, a não aceitação da diversidade de gênero no seu ambiente familiar não a levou a esconder a sua identidade, de outro modo, a levou a resistir.

Oliveira (2018) afirma que “a sociedade dos adultos, composta por pessoas que agem dentro dos padrões ditos normais, não é um lugar seguro para uma criança transexual” (Oliveira, 2018, p. 123). Não segura, no *picturebook* a sua fuga é uma tentativa de amenizar os conflitos vividos em casa, cabendo ainda mencionar, que, embora de forma não explícita, a fuga da personagem dialoga com a falta de moradia e outras vulnerabilidades que muitas pessoas trans enfrentam, como menciona Holleb (2019).

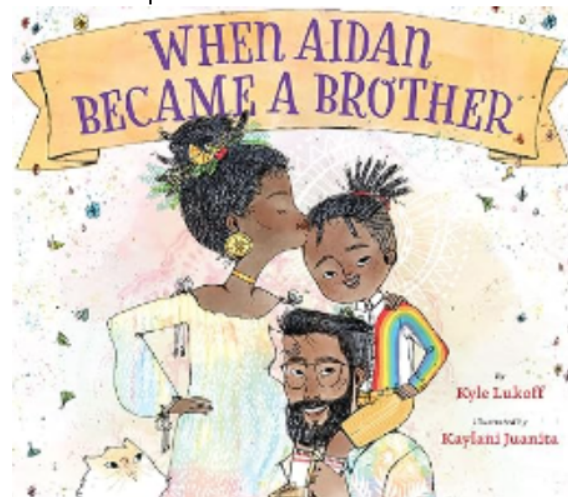
O final da narrativa a coloca diante dos seus sonhos, mas isolada de sua família, sugerindo um ambiente familiar hostil. Esse é outro o indicativo de transfobia vivido pela menina trans. Pelas enunciações do que consideram “cenas de exclusão”, Peres (2009) afirma que a transexualidade ao ser expressa ainda na infância, por vezes, decorre em uma história de vida marcada pela discriminação, exclusão e violência no seio familiar. Tendo por base esse posicionamento teórico, afirma-se que Bailey a partir de suas constantes cenas de exclusão resiste, reafirmando sua existência, e denuncia os direitos negados a criança trans, a saber o de ter uma voz a ser ouvida, o da sociabilidade, o do uso livre do corpo, dentre outros.

Desde *10000 Dresses* (2008) a *Casey's ball* (2022) muitas reviravoltas podem ser observadas em obras infantis com personagens trans masculinas e femininas. A apresentação das protagonistas transbinárias/os é na maioria dos casos repleta de pesares. Todavia, o *coming out*, isto é, a “saída do armário”, conduz a aceitação de identidades de gênero trans, que em sua maioria tem os desfechos em *happy endings*. Nota-se que apesar dos episódios de sofrimento, o foco dessas literaturas tem sido dado para aceitação das crianças como forma de subversão. Outro ponto fundamental a ser explicitado foi a abertura de espaços e o direito do ecoar de vozes trans na autoria desses *picturebook*, a exemplo da mulher trans Jazz Jennings uma das autoras de *I am Jazz* (2014), e do homem trans Kyle Lukoff autor de *When Aidan became a brother* (2019).

Em 32 páginas, o primoroso trabalho da ilustradora Kaylani Juanita em *When Aidan became a brother*, em parceria com Kyle Lukoff, representa outro marco na produção de *picturebooks* com personagens trans: após 11 anos de produção, com representação de personagens infantis trans brancas de forma majoritária, Aidan e sua família propõem a

quebra de padrões com a noção da transversalidade de marcadores de raça via ilustração. O direito de ser criança trans negra chegou ao campo literário com uma família feliz e acolhedora.

FIGURA 2- Capa da obra *When Aidan became a brother*



Fonte: <https://www.amazon.com.br/When-Aidan-Became-Brother-Lukoff/dp/1620148374>

Neste *picturebook* a referência à gravidez e à temática LGBTQIA+ aparecem desde a capa (como observável acima), cujo engajamento político é notável por meio do decalque do *Stone Wall Book Award*, prêmio que faz referência ao famoso bar *gay* de Nova York que foi atacado nos anos 1960. A proposta do prêmio busca rememorar e reconfigurar o marco para as causas LGBTQIA+.

O poder das ilustrações e das palavras conta a história do primeiro menino trans negro, buscando referências do passado cujo recorte temporal corresponde ao seu nascimento e a perspectiva de tornar-se irmão. “Quando Aidan nasceu, todos pensaram que ele era uma menina. Seus pais lhe deram um nome bonito. Seu quarto parecia de uma menina. E ele usava roupas que as outras meninas gostavam de usar” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). Apesar de todo carinho e cuidado dos pais, na apresentação de Aidan pela narrativa imagética é evidente o descontentamento da protagonista, uma vez que, viver como menina despertava tristeza, raiva e tédio.

O narrador onisciente revela sua inconformidade por odiar o som do seu nome; sentir que os seus objetos e brinquedos pertenciam a outra criança; rasgar e manchar suas roupas. Seu comportamento levou quem estava ao seu redor a considerar que ele era um tipo de garota diferente. “Mas Aidan não se sentia igual a nenhum tipo de garota. Ele era realmente outro tipo de garoto” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). Assim, seu processo de transição toma forma: o corte de cabelo e a mudança dos estilos de roupas começaram por apresentar sua identidade de gênero fluida.

Mesmo diante da dificuldade de contar aos seus pais sobre ser um menino trans, por meio do texto, é possível saber que era mais difícil manter segredo: “Todo mundo levou algum tempo para se adaptar, e eles aprenderam muito com outras famílias com transgêneros como ele” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). Inaugural, por ser a primeira obra em que personagens trans se encontram, a escolha estratégica de colocá-los/las reunidos/as em um espaço público representa em caráter metafórico a tentativa de inseri-las/los em convívios sociais diversos, fazendo valer seus direitos dado que a sociabilidade na infância é parte fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Por conseguinte, as oportunidades de amadurecimento e pertencimento são dadas as personagens infantis trans de modo a enfrentar os sofrimentos psicológicos, a solidão e as angústias.

Com o decorrer da narrativa, tem-se acesso ao quarto novo de Aidan, as compras que faz com a mãe e aos passeios pela rua. Ao pensar a parentalidade, maternidade, visibilidade e reconhecimento de crianças trans, Madalena (2021, p. 36) atesta que “foram precisamente as mães e os pais das crianças transgênero os principais responsáveis pelo fim da invisibilidade dos seus filhos e filhas, e, por fim, pelo surgimento no espaço público da nova categoria social das crianças transgênero.”

A experiência entre famílias mencionadas no *picturebook* também relembra o movimento de pais de crianças LGBTQIA+ que surgiu com o intuito de compartilhar informação e dar suporte uns aos outros, mobilizando políticas identitárias e promovendo ações contra vulnerabilidades sociais, a exemplo do *Trans Youth Family Allies*, organizada por Kim Pearson. Essa é a primeira obra em que a personagem trans e sua família têm contato direto com pessoas que experienciam a transgeneridade na infância fora do espaço privado.

A enormidade do processo de negociação de gênero com seus filhos ressalta a extensão em que o gênero está inserido no tecido de muitas interações sociais cotidianas. Os pais compravam roupas para as crianças, pintavam seus quartos, referiam-se a elas pelo nome e pronome, inscreviam-nas em atividades e times esportivos, levavam-nas a banheiros públicos e incentivavam a amizade com outras crianças. Em cada um desses encontros, eles estavam tomando decisões sobre o que era possível no mundo de seus filhos, sobre quem seriam e com quem se relacionariam (Meadow, 2018, p. 44).

Estudos sobre a temática trans têm mostrado que as interações entre pais e filhos, cargas emocionais, demandas por vestimentas, brinquedos e alguns estilos de brincadeira⁵ foram os fragmentos mais comuns que levaram os adultos, pais e responsáveis a

⁵ No caso de crianças trans masculinas: roupas consideradas masculinas, carrinhos, bonecos, dentre outros. No caso de crianças trans femininas: vestidos, maquiagem, bonecas, dentre outros. Crianças trans binárias comumente se aproximam ou requerem em suas rotinas atividade tipicamente consideradas mais próximas ao maneirismo de gênero (para usar o termo de Bento, 2014) ao qual desejam performar e transicionar.

respeitem as crianças trans em suas particularidades, e conseqüentemente, mobilizarem-se coletivamente para exigirem que as necessidades de seus filhos/as fossem atendidas.

No processo de transição de gênero, a personagem explorou a fluidez em sua forma de ser garoto. Não se prendendo a rótulos, cogitou a escolha de diversos nomes, mudou e adequou o seu quarto para sentir-se mais confortável, e adquiriu novas roupas, que passaram a ser mais cuidadas. No *picturebook* a experiência em reconstruir o gênero acontece não só pelas adaptações que foram feitas por intermédio da transgeneridade. Somada a isso, a preparação para chegada de uma nova criança propôs diversas mudanças ao lar, e trouxe a protagonista uma nova preocupação: “Aidan achava que ser um irmão mais velho era um trabalho importante para um menino como ele, e queria ter certeza de que esse bebê se sentiria compreendido imediatamente” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). Assim, a feitura de gênero é amplamente introduzida pela escolha de um nome neutro para o bebê prestes a nascer, implicando na não classificação da criança quanto a um determinado gênero.

Ao se dedicar à compra das roupas do bebê, Aidan é acometido de constrangimento. Apesar de na companhia de sua mãe ambos serem abordados e coagidos a responderem qual seria o sexo da criança que estava por vir, o menino sente-se orgulhoso com a resposta da mãe, que diz: “Eu vou ter um bebê” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). O excerto refere-se a consciência despertada pela vivência com o primeiro filho, que levou a mãe a não definir a identidade de gênero do bebê que estava esperando. Portanto, a personagem abriu-se ao direito a ser educada sobre as identidades de gênero.

A dedicação em providenciar um ambiente confortável e bem decorado para o bebê coloca mais uma vez o garoto diante de uma situação de confronto quando é questionado: “Você está animado com o seu novo irmão ou irmã? Perguntou o pintor. Estou animado para ser o irmão mais velho”, disse Aidan. (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). Desse modo, o narrador e a ilustradora revelam o estranhamento do pintor ao ouvir tal afirmação, não à toa, a visibilidade de crianças trans pode colocá-las diante do risco de discriminação e violências. Isso se dá pela construção de infância cisnormativa enquanto típica ou dentro dos pressupostos de “normalidade”, somada a falta de conscientização da sociedade a respeito das diversidades de identidade de gênero. Assim, a naturalização das verdades sobre o sexo-gênero, o corpo e a criança ao serem dessacralizadas produzem contrastes e conflitos de interesses no que remete à aceitabilidade social, potencializando violências.

Nesse sentido, é inerente o cuidado que os pais têm para com Aidan. Do mesmo modo, a família se dedica para que a nova criança se sinta à vontade em seu quarto. Outro aspecto de cuidado foi refletido na escolha do nome, pois ao lembrar a dificuldade que os pais passaram para desapegar do antigo nome do filho trans, o garoto optou por escolher um nome que pudesse ser usado independente do gênero que seu irmão ou sua irmã escolhesse performar.

Quanto mais próximo do nascimento do bebê, mais o/a leitor/a está diante das preocupações com as cores, as roupas e tudo escolhido por Aidan para a criança. Sua ansiedade é notada pela sua família. A mãe, ao perguntar se o menino se sentia bem, é surpreendida com inúmeros questionamentos: “Você acha que o bebê vai ficar feliz com tudo isso? Ele sussurrou. Não quero que ele/ela se sinta como eu quando era pequeno, mas e se eu errar em tudo? E se eu não souber ser um bom irmão mais velho?” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). Observa-se no texto original uma luta já levantada por pessoas trans que é o uso da linguagem neutra, pois a colocação do pronome *them*⁶ para se referir ao bebê (baby) que chegará, tende a evitar o binarismo.

Diante das tensões do garoto, sua mãe o acalenta, e amavelmente revela: “Quando você nasceu, não sabíamos que você seria nosso filho. Cometemos alguns erros, mas você nos ajudou a corrigi-los. E você nos ensinou o quão importante é amar alguém exatamente por quem ele é. Esse bebê é tão sortudo/a por ter você, assim como nós somos” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). Nesse trecho, o suporte familiar torna-se o ponto fulcral para formação da protagonista. Ao passo que o menino trans é para os pais um motivo de transformação e compreensão, o direito a ter uma família e viver em um lar seguro é garantido. Em outras palavras, a dignidade como um direito fundamental para criança diversa em termo de gênero é uma abordagem nodal no *picturebook When Aidan became a brother*.

Ao olhar suas fotos, o menino relembra o quão diferente era, e o quão prazeroso tem sido a construção de sua masculinidade. A reflexão de Aidan sobre o nascimento do bebê, cujo sexo não é revelado, é guiada pela sua entrega, suas possibilidades de acertos e de consertar os possíveis erros que tenha cometido. Pelas palavras do narrador: “Aidan sabia como amar alguém, e esta era a parte mais importante de ser irmão” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p). O bebê então entra em cena seguido das fotografias e lembranças da infância que Aidan revisita ao encontrar algumas caixas. Logo, o/a leitor/a está diante de uma grande festa que é organizada para a chegada da criança.

A linguagem estética empregada enfatiza o acolhimento para com as duas crianças do casal. Em um espaço amplo, cercados de plantas, crianças, amigos, familiares e animais de estimação a família unida celebra a vida. A chegada da nova criança é cercada de muito afeto e alegria. Aidan supera a narrativa da solidão e o abandono familiar sentido por Bailey, protagonista de *10000 Dresses*. Por meio dele, é possível reatualizar o olhar sobre uma infância trans vivível e feliz.

Em *When Aidan became a brother* existe a possibilidade de perceber a superação da raça como marca de opressão dado o projeto de branquitude e o histórico de subjugação do que é comumente entendido como “minorias raciais” nos Estados Unidos e no Brasil. A teorização sobre a relação de precariedade e infância trans considera além do dispositivo

⁶ Tradução nossa: “Do you think the baby will be happy with everything? He whispered. I don’t want them to feel like I did When I was little, but what if I get everything wrong? What if I don’t know how to be a good big brother?” (Lukoff; Juanita, 2018, s.p).

gênero, a compreensão de raça e classe. Snorton (2017), em *Black on Both Sides: A Racial History of Trans Identity*, a partir do pensamento foucaultiano de biopoder, percebe em relatos de experiências que crianças trans racializadas vivenciam a necropolítica trans no contexto estadunidense, ou seja, esses corpos são lidos pela ótica interseccional, dado o cruzamento de opressões. Assim, em um contexto social em que a combinação de viés estrutural anti-transgênero e racismo é persistente e devastador para transgêneros negros e outras pessoas de cor, a história de Aidan aponta caminhos e advoga para que crianças trans negras de classes menos favorecidas não sejam vistas pelas lentes de violências e da ótica da morte social e física.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De *10000 Dresses* a *When Aidan became a brother*, em essência, é possível fazer uma análise sobre o governo que o adulto tem sobre a vida da criança trans cuja lógica de domínio e emudecimento da infância é transgredida. O empoderamento gradativo, dada a personalidade e subjetividade das protagonistas, desnuda a energia vital que as enaltecem diante de opressões, seja no seio familiar ou no meio social. Consequentemente, suas identidades de gênero falam ao coletivo sobre humanidade frente às vulnerabilidades.

Bailey é lida pela negação de direitos à criança trans: o direito à voz, ao corpo, às próteses de gênero, ao acolhimento de um lar seguro e à liberdade de viver a sua identidade trans. A protagonista é o retrato de crianças trans que são diariamente violentadas e violadas no mais íntimo do seu ser. A menina amarga a fuga do lar, em seu êxodo de identidade, para viver na rua o sonho de vestir os seus tão preciosos vestidos que representam vividamente a sua feminilidade.

Indubitavelmente, Bailey abriu espaço para outras personagens trans inagurarem a sua felicidade, como é o caso de Aidan, que, além de ser um personagens trans masculino negro, foi escrito por um homem trans negro. O seu protagonismo traz para o cenário literário a possibilidade de ser feliz, de ser acolhido e de viver direitos inerentes à infância. Assim, reatualiza o olhar da amargura, da fuga, do desamor para a segurança de ter uma família, amigos e de conviver bem em sociedade. Portanto, ambas as obras devem ser vistas como denúncia e a busca por direitos, objetivando a insurgências que oportunizem diálogos sobre a infância outrora esquecida.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **Historia social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BRASIL. **Lei Federal n. 8069**, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. In: **Educação & Realidade**. V2o, n.2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação 1995.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011.

CHAUÍ, M, Participando do debate sobre mulher e violência. In: CHAUÍ, M [et al.] **Perspectivas antropológicas da mulher 4**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro/Vinhedo: Editora da UERJ/Horizonte, 2012.

EWERT, M; FOX, R. **10000 Dresses**. New York: Seven Stories Press, 2008.

FAVERO, S. **Crianças trans: infâncias Possíveis**. Bahia: Editora Devires, 2020.

HOLLEB, M. L. E. **The A-Z of Gender and Sexuality**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2019.

LIMA, F. Dispositivo texto: biopolítica e práticas de si nas experiências de hormonização nos homens transexuais. In: **Transexualidades: um olhar multidisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2014.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. Ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LUKOFF, K; JUANITA, K. **When Aidan Became a brother**. New York: Lee & Low Books Inc., 2019.

MADALENA, E. V. Temática transgênero na literatura infantil. **Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil**, ISSN 2386-7620, n.º 4, p. 159-178, 2017.

MEADOW, T. **Trans kids: being gendered in the twenty-first century** / Tey California: University of California Press, 2018.

MURTA, D. Transexualidade e normas de gênero: contribuições para o debate bioético sobre as práticas de modificações corporais do sexo. In: **Transexualidades: um olhar multidisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2014.

OLIVEIRA, M. R. G. Minha vida em cor-de-rosa: cenas e encenações da transexualidade feminina na infância. **USP: Revista Aspás**, v. 8, n. 1, 2018.

PERES, William Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, 2009. p. 235-263.

PRECIADO, P. Quem defende a criança queer? **Revista Geni**, 2013. Disponível em: <https://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer/>. Acesso em: 15 out. 2024.

PRECIADO, P. **Manifesto Contressexual: Práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1, 2014.

RAMALHO, N. A. **Virar Travesti Trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social.** Lisboa: Tinta da China, 2020.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo:** fatos e mitos, vol. 1 (1949). Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SNORTON, C. R. **Black on Both Sides:** A Racial History of Trans Identity Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2017.

TRAVERS, A. **The Trans Generation:** How Trans Kids (and Their Parents) Are Creating a Gender Revolution. New York: New York University Press, 2018.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

WITTIG, M. **the straight mind and other essays.** Boston: Beacon Press, 2002.

Recebido em: 15/10/2024

Aceito em: 23/11/2024